

IMAGENS E MEMÓRIA DO CONCELHO DE SANTANA

PICTURES AND MEMORY OF THE MUNICIPALITY OF SANTANA



Nascer do Sol no Pico Ruivo; observa-se um “mar de nuvens”. Foto Perestrellos, data não identificada, negativo em vidro, MFM-AV, em depósito no ABM, PER/821.

Com a implantação definitiva do Liberalismo em Portugal, criam-se na Madeira, em 1835, vários municípios: Santana foi um deles (a par do Porto Moniz e Câmara de Lobos).

As freguesias que compõem hoje este município nortenho são (de nascente para poente): São Roque do Faial; Faial; Santana; Ilha; São Jorge; e Arco de São Jorge. Faial e Santana foram desagregadas do concelho de Machico; São Jorge e Arco de São Jorge foram desanexadas do município de São Vicente. A paróquia de São Roque do Faial foi criada em 1848; e a freguesia da Ilha foi instituída em 1989.

Na sua «Descrição da Ilha da Madeira em geral e cada uma de suas freguesias, vilas e lugares em particular [...]», de 1817, Paulo Dias de Almeida, sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros, faz menção às freguesias do Faial, de Santana, de São Jorge e do Arco de São Jorge (as existentes à época).

Do Faial, diz que a «povoação desta freguesia se acha espalhada pelas diferentes lombadas apartadas pelas três grandes ribeiras, que se vêm unir perto do mar em uma. Há ocasiões no inverno que estes povos se não comunicam com as freguesias vizinhas, por serem os caminhos pela ribeira». A freguesia de «Santa Ana» (Santana) é «a mais linda da Ilha; à entrada oferece aos olhos as mais belas vistas de planos cultivados». A «povoação» de São Jorge, por sua vez, «está em um terreno superior à ribeira; é muito saudável, e livre de humidades. A paróquia é a melhor de toda a Ilha. [...] Os caminhos da comunicação para a freguesia de Santa Ana são péssimos; o que vai ao porto não é mau, ainda que passa por um formidável despenhadeiro. O porto é de rocha [...]. Aqui há um pequeno reduto com duas peças de calibre 6 deitadas no chão». Finalmente, a «povoação» do Arco de São Jorge «está situada entre altos rochedos, que formam uma parte de círculo e por isso tem a denominação de Arco; é coberto de arvoredo e balseiras» (ed. Eduardo de Castro e Almeida, 1909, Coimbra).

Portanto, terras de orografia diversa, de difícil comunicação, mas terras férteis – estas “detrás da Ilha” (expressão vetusta que, pelo menos desde o século XVI, denomina territórios e gentes do Norte da Madeira).

Esta exposição, a oitava no âmbito do projeto *Imagens e Memória dos Concelhos da Madeira*, pretende mostrar realidades do espaço concelhio de Santana. As imagens exibidas – quase 120 fotografias – pertencem à Coleção Fotográfica (COLFOT) do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM) e ao acervo do Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente’s (MFM-AV), em depósito também naquele arquivo. Datam de um período de mais de cem anos – da segunda metade de Oitocentos (grosso modo) até o ano de 1986.

Entre o que se lê em Dias de Almeida e o que se vê na exposição – quantas diferenças, quantas similitudes; quantas mudanças, quantas permanências!

Que memórias deste território nortenho nos mostram as fotografias?

Mostram:

Panorâmicas, vistas menos alcançadas, paisagens – em tons de cinzento, de ocre, carregados, esvanecentes; cores nostálgicas que, talvez, mais do que revelar, aliviam; mais do que descobrir, questionam. Pequenos ilhéus a lembrar que o mar ali está – para levar, para trazer; para ligar, para quebrar; para lembrar que há mais para além do recorte das costas e do impenetrável dos interiores. Mares cá em baixo, e mares de nuvens lá no alto – horizontes de perplexidade; fronteiras de pasmo. Montanhas, pontas, picos, penhas, encostas, lombos, cabeços; achadas, fajãs – nuns e noutros, tenta o homem ir a galope da natureza; mas a natureza nem sempre se deixa cavalgar. Miradouros ao alto – molduras dentro das florestas, janelas sobre terras e mares por conquistar. A água – em queda; levada pelo Norte em ribeiras, levada pelo homem em canais escavados no basalto; a água ubíqua, perdida, resgatada. Estradas – reais, nacionais, regionais; caminhos; veredas; pontes; degraus; chãos calcetados; terra batida; homens calçados, descalços; animais. Comunicação como num sistema sanguíneo – o mais pequeno vaso não pode romper. Cabos que ligam a terra ao mar – onde homens e cargas se penduram, escorregadios; cabos que são a síntese entre a terra, o ar e o mar – a metáfora destas geografias. Os frutos da terra em “poios” amparados, mais do que sobre pedras – nos ossos, no sangue e na carnadura dos homens. Casas de madeira e de pedra, com coberturas de colmo, de telha, de zinco – ajoujadadas, ragentes, altivas, sobreviventes, bafejadas de boas ou más sortes. Igrejas e cemitérios – onde a divindade e os mortos são lembrados dos vivos. Gente a mover-se, por diversão, por trabalho, com bordões, malas, alfaías, recipientes – curiosos, conformados; em dias excecionais, em dias costumados. Homens, mulheres, crianças (e cães) em pose para a câmara – longínquos, com intimidade fugidia, com sorrisos, com cabeça baixa, desafiantes, espantados. A modernidade que acorda – na eletricidade levantada em postes, num farol que é sentinela sobre o mar. O turismo a dar, firme, inexorável, os primeiros passos – e a hospitalidade a preparar a terra indomável, indiferente, permissiva, para melhor receber o outro. Ruínas seculares – esquecidas; a vencer o seu próprio esquecimento. Por fim, dois meninos numa vereda; em que pensariam?



Panorâmica do Pico do Areiro, do Pico das Torres e do Pico Ruivo, a partir dos Balcozes, na freguesia de São Roque do Faial; observam-se à esquerda, um horndão em posição vertical e molas; à direita, um homem com uma mochila nas costas e outro homem no topo de um penedo. Foto Figueiras, post. 1930, negativo em vidro, MFM-AV, em depósito no ABM, PHF/44.

Panoramic view of Pico (peak) do Areiro, Pico das Torres and Pico Ruivo, from Balcozes, in São Roque do Faial parish; one can see on the left, a staff in an upright position and cases; on the right, a man with a backpack and another man on top of a cliff. Foto Figueiras, post 1930, glass plate negative, MFM-AV, in deposit at ABM, PHF/44.

Sunrise at Pico (peak) Ruivo; one can see a “sea of clouds”. Photo by Perestrellos, unknown date, glass plate negative, MFM-AV, in deposit at ABM, PER/821.

With the definitive establishment of Liberalism in Portugal, several municipalities were created in Madeira in 1835; Santana was one of them (along with Porto Moniz and Câmara de Lobos).

The parishes that make up this northern municipality today are (from east to west): São Roque do Faial; Faial; Santana; Ilha; São Jorge; and Arco de São Jorge. Faial and Santana were separated from the municipality of Machico; São Jorge and Arco de São Jorge were separated from the municipality of São Vicente. The parish of São Roque do Faial was created in 1848; and the parish of Ilha was established in 1989.

In his 1817 «Description of Madeira Island in general, and each of its parishes, villages, and places in particular [...]», Paulo Dias de Almeida, sergeant-major of the Royal Corps of Engineers, mentions the parishes of Faial, Santana, São Jorge and Arco de São Jorge (those existing at the time).

Of Faial, he says that the «population of this parish is spread out over the different high lands, separated by three large streams, which come together in one near the sea. There are times in the winter when these people cannot communicate with the neighbouring parishes because the paths run along the stream». The parish of «Santa Ana» (Santana) is «the most beautiful on the island; on entering it, one is offered the most beautiful views of cultivated lands». The «hamlet» of São Jorge, on the other hand, «is on higher ground than the stream; it is very healthy and free from damp. The parish is the best on the whole island. [...] The roads to the parish of Santa Ana are terrible; the one to the pier is not bad, although it goes over a formidable cliff. The pier is made of rock [...]. Here there is a small stronghold with two 6-gauge pieces lying on the ground». Finally, the «hamlet» of Arco de São Jorge «is situated between high rocks, which form part of a circle, and therefore its name is Arco [arch]; it is covered with trees and vines wrapped in trees» (ed. Eduardo de Castro e Almeida, 1909, Coimbra).

So, lands that have a diverse orography, difficult to communicate with, but fertile lands nonetheless – these ones “behind the Island” (an old expression which, at least since the 16th century, has referred to territories and people of the north of Madeira).

This exhibition, the eighth under the project *Pictures and Memory of the Municipalities of Madeira*, aims to show realities of the municipality of Santana. The images on display – almost 120 photographs – belong to the Photographic Collection (COLFOT) of the Madeira Archives and Library (ABM) and to the collection of the Madeira Photography Museum – Atelier Vicente’s (MFM-AV), in deposit at those same archives. They date back to a period of more than a hundred years – from the second half of the 19th century (roughly speaking) to the year 1986.

Between what one reads in Dias de Almeida and what one sees in the exhibition – how many differences, how many similarities; how many changes, how many continuities!

What memories of this northern territory do the photographs show us?

They show:

Panoramic views, shorter range views, landscapes – in shades of grey, ochre, heavy, fading; nostalgic colours that, perhaps more than revealing, they hint; more than discovering, they question. Islets reminding us that the sea is there – to take, to bring; to bind, to break; to remind us that there is more beyond the jagged coastlines and the impenetrable interiors. Seas below, and seas of clouds above – horizons of perplexity; frontiers of amazement. Mountains, promontories, peaks, cliffs, hills, high lands, summits; plateaus, flat lands – in some and in others, man tries to ride at nature’s back; but nature doesn’t always allow itself to be ridden. Viewpoints up high – frames inside the forests, windows onto lands and seas yet to be conquered. Water – falling; carried by the north in streams, carried by man in channels carved into the basalt; ubiquitous water, lost, rescued. Royal, national, regional – roads; paths; countryside paths; bridges; steps; cobbled pavements; dirt pavements; men in shoes, barefoot; animals. Communication as in a blood system – the smallest vessel cannot break. Cables that connect the land to the sea – where men and cargo hang, slippery; cables that are the synthesis between land, air, and sea – the metaphor for these geographies. The fruits of the land in terraced farmed fields, sustained, rather than by stones – but by the bones, blood, and flesh of men. Wooden and stone masonry houses, with thatched, tiled or zinc roofs – subdued, creaky, haughty, survivors, blessed with good or bad luck. Churches and cemeteries – where divinity and the dead remember the living. People moving around, for fun, for work, with staffs, bags, tools, containers – curious, resigned; on exceptional days, on usual days. Men, women, children (and dogs) posing for the camera – distant, with fleeting intimacy, smiling, with their heads down, defiant, amazed. Modernity that awakens – in the electricity raised on poles, in a lighthouse that stands as sentinel over the sea. Tourism taking its first firm, inexorable steps – and hospitality preparing the indomitable, indifferent, permissive land to better welcome the other. Secular ruins – forgotten; overcoming their own oblivion. Finally, two boys on a countryside path; what were their thoughts?

Casa de madeira com cobertura de colmo; observam-se: o terreiro, o jardim e a escadaria com varandim para aceder ao piso superior; um alpendre com varandim e banco corrido, à esquerda, e um recipiente de madeira, na extremidade oposta; por baixo do alpendre, uma dabadreira. Foto Atelier Sousa & Santos – João Francisco Camacho Sucessores, ant. 1892, prova fotográfica, MFM-AV, em depósito no ABM, ASS/1-37.

Wooden thatched roof house; one can see: the yard, the garden and the staircase with balcony to access the upper floor; a porch with a balcony and a bench on the left, and a wooden container at the opposite end; under the porch, a thread reel. Photo by Atelier Sousa & Santos – João Francisco Camacho Sucessores, before 1892, photographic print, MFM-AV, in deposit at ABM, ASS/1-37.



Anião em traje tradicional junto a uma casa com cobertura de colmo; em frente da habitação, observa-se vegetação delimitada por uma cerca em canaviales. Foto Augusto João Soares, 1938-06-26, prova fotográfica, ABM, AJS/166.

An elder in traditional costume next to a thatched roof house; in front of the house, one can see vegetation bordered by a cane fence. Photo by Augusto João Soares, 1938-06-26, photographic print, ABM, AJS/166.



Ficha Técnica | Project Credits

Coordenação, Seleção, Introdução, Edição de Legendas e Tradução | Coordination, Selection, Introduction, Subtitles Editing and Translation: Filipe dos Santos
Legendas | Subtitles: Dinis Gouveia Pacheco; Jorge Valdemar Guerra; Alda Pereira; Lúcia Guerra; Manuela Marques; Tânia de Jesus; Zélia Fernandes Dantas
Grafismo | Graphic Design: Leonardo Vasconcelos
Montagem | Exhibition Assembly: Dailia Góis; Rute Rodrigues; Leonardo Vasconcelos